

**XIII Congresso Brasileiro de História Econômica e  
14ª Conferência Internacional de História de Empresas**

**Criciúma, 24, 25 e 26 de setembro de 2019**



**UMA DISCUSSÃO SOBRE A TEORIA MARXIANA DO VALOR ENTRE WERNER  
SOMBART E FRIEDRICH ENGELS**

**Luiz Eduardo Simões de Souza**

**Felipe Cotrim**

## UMA DISCUSSÃO SOBRE A TEORIA MARXIANA DO VALOR ENTRE WERNER SOMBART E FRIEDRICH ENGELS

Luiz Eduardo Simões de Souza<sup>1</sup>

Felipe Cotrim<sup>2</sup>

### RESUMO

As presentes notas abordam uma discussão entre Werner Sombart e Friedrich Engels, dada a partir de correspondência, a propósito de uma resenha feita por Sombart quando do lançamento em 1894 do Livro 3 de *O Capital*, organizado por Engels. É possível identificar, tanto na preocupação de Engels com os questionamentos de Sombart (que o levaram a colocar adendos ao Livro 3 sobre tais questões), quanto no desenvolvimento dos estudos de Sombart (ao menos enquanto seu foco esteve no assunto do socialismo) a partir das sugestões de leitura e entendimento de categorias marxianas que Engels lhe fez, a existência de um diálogo entre perspectivas de dois intelectuais-chave do pensamento social não apenas da época, mas de seu próprio cerne teórico. Este artigo, assim, apresenta um pouco da biografia de ambos os autores, e comenta a correspondência entre os dois, adicionando a correspondência de Engels a terceiros, comentando sobre Sombart, e apresentando réplica aos questionamentos do então jovem economista e sociólogo.

Palavras-chave: Capitalismo, Friedrich Engels, Karl Marx, Lei do valor, Werner Sombart.

### ABSTRACT

The present notes address a discussion between Werner Sombart and Friedrich Engels, given from correspondence, about a review wrote by Sombart at the time of the publication in 1894 of Book 3 of *Capital*, edited by Engels. It is possible to identify both in Engels' concern with Sombart's questions (which led him to write an appendix to Book 3), and in the development of Sombart's studies (at least while his focus was on the subject of Socialism) from of the suggestions of reading and understanding of Marxian categories that Engels made to him, the existence of a dialogue between the perspectives of two key intellectuals of social thought not only of that time, but of its own theoretical core. This article thus presents the biography of both authors, and comments on the correspondence between the two, adding Engels' correspondence to third parties, commenting on Sombart, and presenting a reply to the questions of the then young economist and sociologist.

Keywords: Capitalism, Friedrich Engels, Karl Marx, Law of value, Werner Sombart.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Maranhão.

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo.

## Introdução

As presentes notas abordam uma discussão entre Werner Sombart e Friedrich Engels a respeito de aspectos da teoria marxiana, e a propósito de uma resenha feita por Sombart quando do lançamento em 1894 do Livro 3 de *O Capital*, organizado por Engels.

Como Engels e Sombart, por questões referentes ao ritmo de suas vidas (um ainda estava em seu início, outro já no final) não estreitaram relações para além dessa discussão, ocorrida e documentada através de correspondência, além das trajetórias distintas que seus posicionamentos adotariam (um consolidando-se como um dos pilares do socialismo, o outro prestes a abandoná-lo), resta muito pouco além dela, e de eventuais comentários, todos feitos por Engels em suas missivas a terceiros, como fonte material direta. Ainda assim, é possível identificar, tanto na preocupação de Engels com os questionamentos de Sombart (que o levaram a colocar adendos ao Livro 3 sobre tais questões), quanto no desenvolvimento dos estudos de Sombart (ao menos enquanto seu foco esteve no assunto do socialismo) a partir das sugestões de leitura que Engels lhe faz, a existência de um diálogo entre perspectivas de entendimento da teoria marxiana, na qual Sombart se mostra bastante provocativo, e Engels apresenta respostas engenhosas e didáticas.

Este artigo, assim, apresenta um pouco da biografia de ambos os autores, e comenta a correspondência entre os dois, adicionando a correspondência de Engels a terceiros, a respeito das questões levantadas por Sombart.

### Esboço biográfico de Werner Sombart<sup>3</sup>

Werner Sombart (Ermsleben, Saxônia-Anhalt, 19 de Janeiro de 1863 — Berlim, 18 de Maio de 1941) foi um sociólogo e economista alemão. Figura de destaque da Escola historicista alemã, Sombart está entre os mais importantes autores europeus do primeiro quarto do século XX, no campo das Ciências Sociais. O percurso da vida intelectual de Werner Sombart parece marcado por polêmicas e contradições conduzidas por uma linha estritamente pragmática.

---

<sup>3</sup>O esboço biográfico tem por base o artigo de António de Vasconcelos Nogueira, “Werner Sombart (1863-1941): apontamento biobibliográfico” (*Análise Social*, v. XXXVIII, n. 169, p. 1125–1151, 2004).

Sombart iniciou a carreira como intelectual vinculado à Escola Historicista Alemã de Economia, passou para o lado dos Socialistas de Cátedra e, posteriormente, colaborou com Max Weber e Ernst Troeltsch na formação da Sociologia. Durante o final do século XIX e primeira década do século XX, associou-se ao Partido Social-Democrata Alemão (SPD), contribuindo intelectualmente neste como estudioso e comentarista da obra marxiana até terminar a vida como apoiador e colaborador convicto do partido Nazista.

Sombart nasceu em Ermsleben, cidade alemã localizada na Saxônia, em 19 de janeiro de 1863 em uma família luterana de industriais e proprietários de terra Seu pai, Anton Ludwig, foi um político de orientação liberal.

Em razão da saúde precária que o acompanhou por toda a vida, Sombart abdicou de possíveis carreiras militares, diplomáticas ou políticas, voltando-se para a atividade científica. Estudou Economia, Ciências Políticas, História e Filosofia em Pisa, Roma e Berlim. Aproximou-se dos denominados Socialistas de Cátedra, entre eles o economista alemão líder da Escola Historicista Alemã de Economia, Gustav Schmoller (1838-1917), que o orientou na tese de doutorado intitulada *Do arrendamento e das condições salariais na Campagna Romana*, apresentada a Universidade de Berlim em 1888, e que lhe abriu as portas a carreira acadêmica nos anos de 1890-1891 através do Seminário de Economia e Estatística na Universidade de Breslau.

Durante esse período, Sombart aproximou-se do socialismo e da obra marxiana, por razões, tanto, científicas e políticas, como, também, pelo crescente interesse a respeito da situação dos trabalhadores de Breslau. Associou-se ao SPD, a Associação para Política Social, a Associação Internacional pela Legislação Trabalhista e a Sociedade para a Reforma Social; e, publicou artigos em revistas [*journals*] editados por social-democratas, por exemplo: *Archiv für sociale Gesetzgebung und Statistik (Arquivo para a Legislação Social e Estatística)* e *Sozialpolitisches Centralblatt (Periódico Central Sociopolítico)*.

Os vínculos políticos e ideológicos desses anos parecem ter comprometido, de alguma forma, a carreira acadêmica e o sustento econômico de Sombart. É provável que isso tenha contribuído para que Sombart só tenha recebido, após advogar pela Câmara de Comércio de Bremen, uma cátedra júnior no exterior, na Universidade de Breslau. Eventuais convites de faculdades eminentes, como Heidelberg e Freiburg, encontrariam vetos governamentais. Apenas em 1917, Sombart se tornaria professor na Friedrich-Wilhelms-Universität, em substituição a seu mentor Adolph Wagner. Estudiosos de

Sombart estabelecem os vínculos e a atuação política de Sombart como sendo fundamentais para, devido a uma frustração crescente com o desenvolvimento de sua carreira acadêmica, este tenha realizado uma “virada” política e ideológica nos anos subsequentes, até seu alinhamento à política do Partido Nazista, no final da vida.<sup>4</sup>

As primeiras obras de Werner Sombart são consideradas altamente relevantes ao desenvolvimento de ciências sociais como a Economia e a Sociologia. Após uma série de obras tendo como assunto o socialismo ou categorias de análise a ele pertinentes, publicadas no primeiro decênio do século XX, Sombart apresenta sua obra *Der Moderne Kapitalismus*, que recebeu uma primeira edição em 1902, mas teria uma forma mais constituída apenas em 1916.<sup>5</sup> Ela dialoga diretamente com ideias de J. Schumpeter e Max Weber, no tocante à constituição e dinâmica do capitalismo, também representando um primeiro distanciamento das ideias socialistas em senso estrito. Entre o início da Primeira Guerra Mundial e o fim da República de Weimar, a produção de Sombart sofre um hiato, o qual parece marcar sua mudança de posição de pensamento e posicionamento políticos. O ponto de viragem de Sombart em sua transição ao nazismo (Sombart não se consideraria um socialista desde os anos 1920), é claramente identificado em 1934, com a publicação de *Deutscher Sozialismus*, onde afirmou que um “novo espírito” estava começando a “governar a humanidade”. A era do capitalismo e do socialismo proletário acabou com o “socialismo alemão” (nacional-socialismo). Este socialismo alemão coloca o “bem-estar do todo acima do bem-estar do indivíduo”. Neste ponto, o intelectual que Engels reconheceria como o “único economista alemão que entendera o Capital” já não mais existia. Para a finalidade destas notas, considerou-se apenas o período de produção intelectual anterior a 1920. Não deixa de ser curioso e sintomático que a temática de Sombart tenha transitado do socialismo e suas categorias para a caracterização do capitalismo, nesse referido recorte. Nesse sentido, *Deutscher Sozialismus* representa uma espécie de suicídio intelectual infelizmente mais comum do que se gostaria na história das ideias. Talvez consciente tanto do declínio político do nazismo em meio à guerra, como das implicações de um eventual envolvimento futuro mais estreito com este, Sombart ainda escreveria mais um livro em vida, sobre a aplicação do método

---

<sup>4</sup>Abram L. Harris, “*Sombart and German (National) Socialism*” (*The Journal of Political Economy*, v. L, n. 6, p. 805–835, dezembro, 1942).

<sup>5</sup>A versão final, com seis livros, em três volumes, seria lançada apenas em 1927.

compreensivo na Antropologia (*Vom Menschen. Versuch einer geisteswissenschaftlichen Anthropologie*, 1938).

Werner Sombart faleceu em Berlim no dia 18 de maio de 1841, aos 78 anos de idade.

### **A crítica de Sombart ao sistema econômico marxiano**

A crítica de Sombart que merece exame nestas notas é formulada a partir da correspondência com Engels em meados dos anos 1890, e se consubstancia em um artigo de 1898.<sup>6</sup> Encontra-se cotejada e detalhada na seção referente às correspondências.

### **Esboço biográfico de Friedrich Engels<sup>7</sup>**

Acreditamos que a vida e obra de Friedrich Engels (Barmen, 28 de novembro de 1820 — Londres, 5 de agosto de 1895) dispensaria apresentações. Entretanto, em razão de uma curiosa confusão cometida por promotores do Ministério Público do Estado de São Paulo que trocaram Engels pelo filósofo alemão G. W. F. Hegel (1770-1831),<sup>8</sup> talvez não seja dispendioso, mas, até mesmo, instrutivo, apresentar nas linhas abaixo um breve esboço biográfico de um dos mais conhecidos teóricos políticos do século XIX.

\* \* \*

Em parceria com Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels foi um dos principais teóricos e políticos do movimento operário europeu do século XIX.

Nascido em Barmen (Alemanha) no dia 28 de novembro de 1820, Engels foi o primogênito de uma rica família da burguesia industrial alemã. Contudo, desde a juventude, seus interesses voltaram-se, não para os negócios familiares, mas para a

---

<sup>6</sup>“Para a crítica do sistema econômico de Karl Marx” [*Zur Kritik des ökonomischen Systems von Karl Marx*] (*Archiv für soziale Gesetzgebung und Statistik*, Berlim, v. 7, n. 4, 1894). Tradução para o inglês do ensaio encontra-se disponível em: *Responses to Marx's Capital* (Leiden & Boston: Brill, 2018), p. 162–211.

<sup>7</sup>O seguinte esboço biográfico tem por base os livros: Osvaldo Coggiola, *Engels* (São Paulo: Xamã, 1995); W. O. Henderson, *The Life of Friedrich Engels: Volume I & II* (London: Frank Cass, 1976).

<sup>8</sup>“Troca de Engels por Hegel em pedido de prisão de Lula rende memes e piadas na internet” (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 mar. 2016). Disponível em: « <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,troca-de-engels-por-hegel-em-pedido-de-prisao-de-lula-rende-memes-e-piadas-na-internet,10000020684> ».

História, Filosofia e Literatura. A vocação de Engels para a vida intelectual e científica o conduziram ao engajamento nos debates filosóficos e políticos cadentes na Alemanha de seu tempo, por exemplo: a dissolução da filosofia hegeliana; a crítica ao autoritarismo e a teocracia do Estado prussiano; e o movimento de unificação dos Estados alemães.

A vinda à grande cidade industrial inglesa de Manchester traria a Engels como que uma inflexão teórico-política, que o marcaria para o resto da vida. Obrigado pelo pai (Friedrich Engels, 1796-1860), o jovem Engels mudou-se para Manchester a fim de assumir um cargo administrativo na Ermen & Engels, empresa do ramo da indústria têxtil, na qual seu pai havia estabelecido sociedade com os irmãos Gottfried e Paul Ermen.

Além das responsabilidades profissionais, Engels também aproximou-se do cartismo, movimento político operário inglês que reivindicava direitos políticos e econômicos plenos aos trabalhadores ingleses, por exemplo, o sufrágio universal (masculino) e a redução da jornada de trabalho. Em paralelo ao engajamento político no cartismo, Engels realizou um projeto de pesquisa teórico e empírico: o estudo da formação histórica do capitalismo industrial na Inglaterra e das condições de trabalho e vida da classe operária naquele país. Os resultados dessa pesquisa foram publicados em Leipzig (Alemanha) no ano de 1845 com o título: *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*; uma obra pioneira no estudo da sociedade industrial e que permanece como uma referência para a história e a sociologia contemporâneas, sendo editada, traduzida e publicada até nossos dias. Entre as teses mais originais apresentadas por Engels no *A situação* encontram-se: o caráter histórico (e, portanto, historicamente superável) do capitalismo e a classe operária como sujeito político autônomo e revolucionário. Através de *A situação*, Engels consolidou a transição teórico-política de um radical democrata de inspiração jacobina em um comunista.

*A situação* teve forte repercussão entre os intelectuais alemães, tanto conservadores quanto revolucionários, entre eles o, então, jovem filósofo Karl Marx, com quem Engels tornou-se amigo e colaborador teórico e político nas décadas seguintes. Da parceria teórica e política entre Marx e Engels podemos destacar obras tais como *A ideologia alemã* (1845-1846, Bruxelas), na qual formularam a concepção materialista da história e o *Manifesto do Partido Comunista* (1848, Londres), documento histórico que encarnou o primeiro programa político de teor revolucionário do operariado europeu. Além da atividade teórica Engels também teve participação ativa na Revolução Alemã de

1848-1849. Derrotado, Engels, mudou-se novamente para a Inglaterra, onde viveu pelo resto de sua vida, morrendo em Londres no dia 5 de agosto de 1895, aos 74 anos de idade.

Durante esse período, Engels levou como que uma vida dupla. De um lado, fora um respeitável, eficiente e bem-sucedido funcionário da administração das fábricas da Ermen & Engels. Do outro, fora teórico e político comunista, escrevendo artigos em jornais operários e participando da organização e formulação política do movimento operário europeu, atuando, por exemplo na Associação Internacional dos Trabalhadores (1864-1876).

Como colaborador político de Marx, Engels o auxiliou na disputa ideológica dentro do movimento operário internacional, combatendo as tendências políticas adversárias através de toda uma série de artigos e livros. Dentre esses, os mais conhecidos foram o *Anti-Dühring* (1878, Leipzig) e o *Sobre a questão da moradia* (1872-1873, Leipzig), nos quais Engels realizou crítica devastadora dos principais articuladores de tendências adversárias a teoria econômica e social marxiana.

Após a morte de Marx, em 1883, Engels assumiu a difícil tarefa de editar e publicar os dois volumes restantes de *O Capital* a partir dos fragmentos e rascunhos deixados pelo amigo em uma série de manuscritos. Em paralelo a este trabalho de edição e publicação dos Livros 2 e 3 de *O Capital*, Engels também assumiu o trabalho de sistematizar, aprofundar e complementar a teoria econômica e social marxiana, publicando artigos e livros sobre o assunto, e interagindo com uma rica gama de intelectuais e políticos do movimento operário europeu e dos Estados Unidos. Hoje, nos é possível conhecer essa rede de debates e críticas políticas através das cartas que sobreviveram ao tempo. Uma dessas cartas, redigida em Londres, no mês de março de 1895 em resposta à carta de Werner Sombart de 14 de fevereiro de 1895, motiva estas notas.

### **Cartas de Engels a respeito da resenha crítica de Sombart sobre o Livro 3 de *O capital*, de Karl Marx**

Engels teceu, ao longo de cartas com os teóricos e políticos socialistas Paul Lafargue (1842-1911), Conrad Schmidt (1863-1932), Karl Kautsky (1854-1938) e Victor Adler (1852-1918), elogios ao ensaio crítico de Sombart sobre o Livro 3 de *O capital*.



Em carta a Lafargue<sup>9</sup>, Engels escreveu que o “marxista bastante eclético” Sombart publicou “um bom artigo dobre o terceiro volume”. Em carta a Kautsky,<sup>10</sup> Engels elogiou a iniciativa deste em publicar o ensaio de Sombart na do lugar do “confuso” Enrico Ferri (1856-1929), advogado e sociólogo italiano militante do Partido Socialista Italiano (PSI), “incapaz de escrever a respeito do volume III”.

Contudo, Engels também identificou pontos de polêmica e divergência no ensaio de Sombart. Em carta a Schmidt,<sup>11</sup> Engels apontou em Sombart a “tendência em enfraquecer a teoria do valor” e que este “esperava encontrar uma solução bastante diferente” para a questão. Em carta a Adler,<sup>12</sup> Engels comenta que a concepção de Sombart da lei do valor fora “prejudicada por alguma decepção sobre a solução para a questão da taxa de lucro”. Sombart “claramente”, complementou Engels, “esperava um milagre, em vez disso, encontrou, simplesmente, o que era racional, e isso é tudo, menos milagroso. Daí sua redução do significado da lei do valor à dominação da força produtiva do trabalho como poder econômico determinante. Tudo isso é muito generalizado e impreciso”.

Em carta a Schmidt<sup>13</sup> e a Kautsky,<sup>14</sup> Engels manifestou a intenção de redigir um ensaio para a revista *Die Neue Zeit*<sup>15</sup> sobre a lei do valor e da taxa de lucro a fim de responder as objeções de Sombart, do economista e sociólogo italiano Achille Loria<sup>16</sup> (1857-1943) e do próprio Schmidt.<sup>17</sup>

Engels viria a falecer quatro meses mais tarde no dia 5 de agosto de 1895. O ensaio fora publicado postumamente na *Die Neue Zeit* com o título: *Lei do valor e taxa de lucro*.<sup>18</sup> Edições posteriores do Livro 3 de *O Capital* publicaram esse ensaio-réplica como apêndice ou suplemento.

---

<sup>9</sup>Londres, 26 fev. 1895, in MECW 50, p. 448.

<sup>10</sup>Londres, 13 mar. 1895, in MECW 50, p. 467. Em carta de 5 de março de 1895, Kautsky informou a Engels que havia declinado de publicar o ensaio de Enrico Ferri (1856-1929) em defesa da teoria marxiana do valor (MECW 50, p. 604, nota 541).

<sup>11</sup>Londres, 12 mar. 1895, in MECW 50.

<sup>12</sup>Londres, 16 mar. 1895, in MECW 50, p. 468.

<sup>13</sup>Londres, 6 abr. 1895, in MECW 50, p. 492.

<sup>14</sup>Londres, 21 maio 1895, in MECW 50, p. 512.

<sup>15</sup>Revista científica [journal] do Partido Social-Democrata Alemão (SPD) editada por Karl Kautsky entre 1883-1917, na qual Engels contribuía com ensaios (MECW 50, p. 648).

<sup>16</sup>“*L’opera postuma di Carlo Marx*” (*Nuova Antologia di Scienze, lettere ed arti*, Roma, ano XXX, fascículo III, 1º fev. 1895).

<sup>17</sup>“*Der dritte Band des Kapital*” (*Sozialpolitisches Centralblatt*, Berlim, 25 fev. 1895).

<sup>18</sup>“*Wertgesetz und Profitrate*” (Stuttgart, n. 1-2, 1895-1896, p. 6-11, 37-44).

## O estilo da carta de Engels a Sombart

Em geral, as cartas de Engels remetidas a pessoas com as quais não possuía intimidade tratavam a respeito de questões teóricas, críticas ou polêmicas das obras de Economia Política, Filosofia ou Historiografia de Marx. Nessas, a redação de Engels caracterizava-se pela precisão e pela moderação nas conclusões. A carta de Engels a Sombart<sup>19</sup> enquadra-se nesse grupo.<sup>20</sup>

## Carta de Friedrich Engels a Werner Sombart

Em carta a Sombart,<sup>21</sup> então, professor na Universidade de Breslau,<sup>22</sup> Engels, em resposta à carta deste primeiro, de 14 de fevereiro de 1895, tratou do ensaio crítico sobre o Livro 3 de *O Capital*, intitulado *Para a crítica do sistema econômico de Karl Marx* onde demonstrou recepção positiva em relação a este, considerando que Sombart havia dado demonstrações de efetivo entendimento de *O capital* e que “no principal, [...] disse [...] aquilo que era correto”. Contudo, Engels, também anunciou possuir divergências para com alguns aspectos do ensaio de Sombart, particularmente no que se referia as considerações deste sobre o conceito marxiano do valor.

Conforme Engels, Sombart assumiu o conceito marxiano do valor de forma historicamente ampla. O valor, observou Engels, deve ser adequadamente estabelecido na história nas “formas de sociedade em que existe troca de mercadorias ou produção de mercadorias”. As demais sociedades, que não se enquadram nesse grupo, escreveu Engels, não conheceram esse conceito.

\* \* \*

A seguir, nessa mesma carta, Engels responde ao questionamento de Sombart sobre “as passagens conceituais” nas quais Marx discorreu sobre a taxa geral de lucro e a

<sup>19</sup>Londres, 11 mar. 1895, in MECW 50, p. 460–462; MEW 39, p. 427–429; *Obras Escolhidas: tomo III* (Lisboa: Edições Avante!, 1982), p. 568–570.

<sup>20</sup>“Preface”, in MECW 50, p. xxiii–xxiv.

<sup>21</sup>Londres, 11 mar. 1895, in *Obras Escolhidas: tomo III* (Lisboa: Edições Avante!, 1982), p. 568–570.

<sup>22</sup>Localizada em Breslau, ou Breslávia, então, cidade do Império Alemão (1871-1918). Atual Wrocław, ou Vratislávia, Polônia.

inconsciência dos capitalistas a respeito dos conceitos fundamentais do capital, por exemplo, mais-valia e do lucro.

Engels respondeu observando que “se a taxa média de lucro tivesse requerido para o seu estabelecimento a colaboração consciente dos capitalistas singulares, se o capitalista singular tivesse consciência de que produz mais-valia e de quanta [produz] e de que ele, em muitos casos, tem de prescindir da sua mais-valia, a conexão entre mais-valia e lucro teria ficado de antemão bastante clara e, seguramente, estaria já em Adam Smith, se não já em Petty”.

Engels tomou a oportunidade para tratar com Sombart sobre a concepção marxiana na qual toda a história fora, até então, realizada sem a devida consciência dos sujeitos sociais, isto é, apesar do papel ativo destes na história, estes não detêm plena consciência dos rumos de suas ações,<sup>23</sup> ou conforme formulado por Marx no Livro 1 de *O Capital*: “eles não sabem disso, mas o fazem”.<sup>24</sup>

No que se refere a economia, escreve Engels: “os capitalistas singulares andam, cada um para si, à caça do maior lucro. A economia burguesa descobre que esta caça do maior lucro de cada {capitalista} singular tem como resultado a taxa de lucro [*Profitrate*] igual geral, [ou seja,] a razão de lucro [*Profitsatz*] aproximadamente igual para cada um. Mas nem os capitalistas, nem os economistas burgueses, estão conscientes de que o objetivo real desta caça é a repartição percentual igualizada [*gleichmässige prozentige Verteilung*] da mais-valia total pelo capital total”. Em outras palavras, os capitalistas não têm uma compreensão, ou uma perspectiva totalizante da economia capitalista, mas uma compreensão fragmentada, limitada pelos próprios interesses particulares, o que inviabilizou a descoberta de categorias fundamentais do capital, tal como o mais-valor ou a taxa geral deste.

\* \* \*

Engels prosseguiu com a questão: como se constituiu o processo de equalização da taxa de lucro? Conforme Engels, Marx não desenvolveu a resposta definitiva dessa questão, deixando-a em aberto. Porém, escreveu Engels, Marx deixou aos futuros economistas, e demais pesquisadores da economia, o caminho, ou o método, para a solução dessa questão. “Todo o modo de concepção de Marx”, observou Engels a Sombart,

---

<sup>23</sup>Karl Marx, *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* (São Paulo: Boitempo, 2011), p. 25.

<sup>24</sup>São Paulo: Boitempo, 2013, seção I, cap. 1.4., p. 149.

“não é uma doutrina, mas um método. Não dá quaisquer dogmas prontos, mas pontos de apoio para uma investigação ulterior e o método para esta investigação”, cabendo, portanto, a seus sucessores continuar a investigação que Marx não fora capaz de concluir em seu tempo.

\* \* \*

A fim de auxiliar Sombart no exame investigativo desse tema, Engels indicou uma passagem no capítulo 10 do Livro 3 de *O Capital* sobre o conceito marxiano da lei do valor e da transformação do valor aproximado das mercadorias em preços,<sup>25</sup> e sugeriu a Sombart a releitura mais atenta deste, incentivando-o a prosseguir a investigação incompleta de Marx a este respeito. Nele, Marx examinou a realização do valor da mercadoria no intercâmbio entre os produtores, ou a transformação do valor em preço, e a conseqüente venda das mercadorias por seus respectivos valores aproximados.<sup>26</sup>

O “intercâmbio de mercadorias por seus valores”, conforme Marx, corresponde aos modos de produção pré-capitalistas, ou a níveis do modo de produção capitalista pouco desenvolvidos, no qual, tanto “do ponto de vista teórico, mas também do histórico”, o preço de produção não se firmou como determinante na formação dos preços.<sup>27</sup>

Marx considerou que o intercâmbio de mercadorias por seus valores aproximados como predecessor ao intercâmbio de mercadorias por seus preços de produção. Essa condição (o intercâmbio de mercadorias por seus respectivos valores aproximados) se deu nos modos de produção nos quais os produtores não eram, ou ainda não haviam sido, completamente separados dos meios de produção, ou seja, nos modos de produção pré-capitalistas ou nos níveis pouco desenvolvidos do modo capitalista de produção. Essa consideração marxiana seria aplicável, portanto, no mundo antigo e moderno, “no caso do camponês que possui a terra na qual trabalha para si mesmo, [...] no do artesão”, como, também, considerou Marx, nos regimes de escravidão e servidão.<sup>28</sup> “Para que os preços

---

<sup>25</sup>São Paulo: Boitempo, 2017, p. 209–212; v. 3, t. 1, 2. ed., São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 137–138; MECW 37, p. 174–176; MEW 25, p. 184–187.

<sup>26</sup>São Paulo: Boitempo, 2017, p. 209.

<sup>27</sup>p. 209–211.

<sup>28</sup>p. 210–211.

aos quais as mercadorias são trocadas entre si correspondam aproximadamente a seus valores”, asseverou Marx, “é necessário somente: 1) que a troca das diversas mercadorias deixe de ser puramente acidental ou apenas ocasional; 2) que, na medida em que consideramos a troca direta de mercadorias, estas sejam produzidas, em ambos os lados, nas quantidades proporcionais que correspondam aproximadamente à necessidade mútua, o que é indicado pela mútua experiência do mercado e, portanto, resulta do próprio intercâmbio continuado; 3) que, na medida em que falamos da venda, nenhum monopólio natural ou artificial permita a uma das partes contratantes vender acima do valor nem a obrigue a desfazer-se de sua mercadoria abaixo deste último. Por monopólio fortuito, entendemos aquele do qual o comprador ou o vendedor desfruta graças à situação fortuita da oferta e da demanda”.<sup>29</sup>

A diferença na formação dos preços entre os modos de produção pré-capitalistas ou nos níveis pouco desenvolvidos do modo de produção capitalista (nos quais os produtores não foram completamente expropriados dos meios de produção e a produção não se generalizou como produção de mercadorias) e o modo capitalista de produção é fundamental no exame investigativo a respeito da formação histórica do capitalismo e dos modos de produção precedentes. As categorias, ou as determinações sociais, do modo capitalista de produção, nos termos de Marx, não podem ser assumidas, como categorias ou determinações universais, tal como incorreram os economistas políticos clássicos. Para desvendar quais categorias ou determinações regem os modos de produção pré-capitalistas, asseverou Engels em carta a Schmidt,<sup>30</sup> deve-se “estudar de novo toda a história, investigar detalhadamente as condições de vida das diversas formações sociais, antes de se tentar deduzir delas as ideias políticas, jurídicas, estéticas, filosóficas, religiosas etc. que a elas correspondem”.

Marx apresentou as pistas de como prosseguir essa investigação a respeito dos modos de produção pré-capitalistas no trecho do capítulo 10 do Livro 3 de *O capital* sugerido por Engels a Sombart, como também no capítulo 20 da seção IV do mesmo livro onde é exposto as formas históricas de existência do capital comercial (comércio de

---

<sup>29</sup>p. 212.

<sup>30</sup>Londres, 5 ago. 1890, in “Cartas de Friedrich Engels sobre a concepção materialista da história” (*Margem Esquerda*, v. 20, 2013), p. 126.

dinheiro e comércio de mercadorias) e a transformação do produto em mercadoria antes mesmo do pleno estabelecimento do modo de produção capitalista.<sup>31</sup>

Nesses trechos de *O Capital* o leitor encontrará algumas das teses marxianas a respeito das formas pré-capitalistas de produção e de como estas devem ser investigadas a partir da concepção materialista da história. Marx discorreu anteriormente sobre essa questão nos manuscritos econômicos de 1857-1858, o primeiro grande esboço de *O capital*, publicados décadas mais tarde em 1939-1941 na União Soviética e batizados de *Grundrisse*.<sup>32</sup>

### **O Apêndice/Suplemento I de Engels ao Livro III de *O capital*, de Marx<sup>33</sup>**

O “Apêndice I” ao Livro 3 de *O capital* consistiu na tentativa de Engels responder aos críticos da obra marxiana e de oferecer esclarecimentos e complementos as passagens mais controversas do texto. Conforme Engels, a existência dessas controvérsias em torno do Livro 3 seriam naturais em razão de se tratar de uma obra que apresentou pela primeira vez toda uma série de novas teses, algumas destas esboçadas de forma parcial, e por se tratar de uma obra pioneira em seu campo de investigação. Fora nesse “contexto”, escreveu Engels, que sua “intervenção pode ser útil para eliminar dificuldades de compreensão, acentuar aspectos cuja importância não se encontra suficientemente ressaltada no texto {marxiano} e, considerando que este foi escrito em 1865,<sup>34</sup> adicionar-

---

<sup>31</sup>São Paulo: Boitempo, 2017, p. 367–381.

<sup>32</sup>4. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; São Paulo: Boitempo, 2011, p. 388–423. O historiador britânico Eric J. Hobsbawm possui um conhecido e polêmico ensaio sobre os manuscritos de Marx sobre os modos pré-capitalistas de produção (“Introdução”, in *Formações econômicas pré-capitalistas*, 4. ed. (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985), p. 13–64). Mais recentemente, Gustavo Machado debruçou-se sobre essa questão em *Marx e a história*, particularmente no capítulo 1, “Em busca do ser histórico do homem” (São Paulo: Sundermann, 2018, p. 51–146).

<sup>33</sup>“Lei do valor e taxa de lucro” [*Wertgesetz und Profitrate*], in São Paulo: Boitempo, 2017, p. 949–968; v. 3, t.2, 2. ed., São Paulo: Nova Cultural, 1986, p. 319–332; MECW 37, p. 873–894; MEW 25, p. 895–917.

<sup>34</sup>Para melhor entendimento a respeito dos manuscritos marxianos referentes a *O capital* e o trabalho editorial de Engels ler: Michael Heinrich, “A edição de Engels do Livro 3 de *O capital* e o manuscrito original de Marx” (*Crítica Marxista*, n. 43, p. 29–43, 2016); “Prefácio – O Livro II de *O capital*”, in *O capital: Livro II* (São Paulo: Boitempo, 2014), p. 17–22; Carl-Erich Vollgraf, Jürgen Jungnickel & Stephen Naron, “‘Marx in Marx’s Words’? On Engels’s Edition of the Main Manuscript of Book 3 of ‘Capital’” (*International Journal of Political Economy*, v. 32, n. 1, p. 35–78, 2002).

lhe alguns importantes dados complementares, ajustando-o assim ao estado de coisas de 1895”.<sup>35</sup>

\* \* \*

Conforme sugere o próprio título do apêndice, este trata-se das polêmicas a respeito da lei do valor e da taxa de lucro. Muitos interpretes e resenhistas do Livro 3 identificaram uma possível contradição entre a teoria do valor marxiana apresentada no Livro 1 perante as teorias da taxa de lucro e da formação dos preços médios das mercadorias apresentadas no Livro 3.

\* \* \*

Nos primeiros parágrafos do “Apêndice I”, Engels, além de defender Marx das acusações de plágio, dedicou-se a responder, uma vez mais, as críticas de Loria<sup>36</sup> a teoria marxiana da economia política.<sup>37</sup> Loria negou a possibilidade de existência de uma média geral dos preços, equívaleu o conceito de preço ao conceito de valor e faz deste último o padrão universal para a determinação dos preços das mercadorias, ignorando, por exemplo, a influência da relação oferta-demanda e da concorrência na composição dos preços das mercadorias. Com uma paciência professoral, e uma dose de ironia e outra de sarcasmo, Engels corrigiu Loria em definitivo explicando-lhe as devidas distinções entre valor e preço.<sup>38</sup>

\* \* \*

A seguir, Engels voltou-se para as resenhas críticas de Sombart e Schmidt sobre o Livro 3.

Sombart<sup>39</sup> também tratou da polêmica sobre a lei marxiana do valor e o intercâmbio de mercadorias no modo de produção capitalista. Resumindo a tese marxiana, Sombart, nos termos de Engels, asseverou que o valor, para Marx, não consiste em um fato empírico, mas lógico. Conforme a compreensão de Sombart, durante a relação de intercâmbio de mercadorias (isto é, na relação social entre vendedor-comprador), os sujeitos sociais não reconhecem a existência do valor ao longo do processo de produção

---

<sup>35</sup>São Paulo: Boitempo, 2017, p. 951–952.

<sup>36</sup>“*L’opera postuma di Carlo Marx*” (*Nuova Antologia di Scienze, lettere ed arti*, Roma, ano XXX, fascículo III, 1º fev. 1895).

<sup>37</sup>Engels já havia realizado uma réplica a Loria no “Prefácio” (1894) ao Livro 3 de *O capital* (São Paulo: Boitempo, 2017, p. 44–48).

<sup>38</sup>p. 952–954.

<sup>39</sup>“*Zur Kritik des ökonomischen Systems von Karl Marx*” (*Archiv für soziale Gesetzgebung und Statistik*, Tübingen & Berlim, v. 7, n. 4, 1894).

e de intercâmbio (“eles não sabem disso, mas o fazem”)<sup>40</sup> e que “a lei do valor rege, em última instância, os processos econômicos numa ordem capitalista”. Para Engels, Sombart estava, então, no caminho correto, porém, ao limitar a validade da lei marxiana do valor exclusivamente ao modo de produção capitalista, excluiu a possibilidade de utilizá-la na investigação econômica nos modos de produção precedentes.<sup>41</sup>

No que se refere a crítica de Schmidt,<sup>42</sup> Engels o elogiou por ter demonstrado corretamente a forma pela qual Marx derivou a taxa média de lucro do mais-valor. Contudo, nessa resenha crítica, como também em carta a Engels, Schmidt classificou a lei do valor como “hipótese científica” e “uma simples ficção, ainda que teoricamente necessária”, ou seja, um elemento puramente lógico, tal como considerou Sombart, o que Engels rejeitou categoricamente.<sup>43</sup>

Para Engels, a lei marxiana do valor consiste em um processo, simultaneamente, lógico e histórico. A fim de sustentar tal afirmação, Engels cita passagem marxiana presente no capítulo 10 do Livro 3<sup>44</sup> na qual Marx afirmou que o “o intercâmbio de mercadorias por seus valores, ou aproximadamente por seus valores, requer um estágio muito inferior ao do intercâmbio a preços de produção, para o qual se faz necessário um nível determinado do desenvolvimento capitalista. [...] Ainda sem levar em conta o fato de que os preços e seu movimento são determinados pela lei do valor, é totalmente apropriado considerar os valores das mercadorias não só do ponto de vista teórico, mas também do histórico, como o prius [antecedente] dos preços de produção. Isso vale para casos em que os meios de produção pertencem ao trabalhador, o que ocorre tanto no mundo antigo como no moderno, tanto no caso do camponês que possui a terra na qual trabalha para si mesmo, como no do artesão. Isso também está de acordo com nossa opinião, que expressamos anteriormente, de que a transformação dos produtos em mercadorias resulta do intercâmbio entre diversas coletividades, e não entre membros de uma e mesma comunidade. E o que se aplica a esse estado de coisas originário aplica-se também a situações posteriores, fundadas na escravidão e na servidão, assim como às corporações artesanais, por todo o tempo em que os meios de produção imobilizados em

---

<sup>40</sup>Karl Marx, *O capital: Livro I* (São Paulo: Boitempo, 2013), seção I, cap. 1.4., p. 149.

<sup>41</sup>p. 955.

<sup>42</sup>“*Der dritte Band des Kapital*” (*Sozialpolitisches Centralblatt*, Berlim, 25 fev. 1895).

<sup>43</sup>p. 955–956.

<sup>44</sup>Comentada por nós anteriormente no item “Carta de Friedrich Engels a Werner Sombart”.



cada ramo da produção só possam ser transferidos de uma esfera a outra com muita dificuldade e que, dentro de certos limites, as diferentes esferas da produção se relacionem entre si como o fariam países estrangeiros ou coletividades comunistas”.<sup>45</sup>

Certamente, registrou Engels, Marx teria desenvolvido melhor essa tese caso tivesse tido a oportunidade. “Tal como se apresenta”, escreveu Engels, “ela dá apenas um esboço do que se deve dizer sobre o problema”. A tarefa na qual Engels se encarregou nas páginas seguintes do “Apêndice I” consistiu em desdobrar essa tese dentro da “moldura” marxista,<sup>46</sup> isto é, o método marxiano de investigação.

\* \* \*

Engels inicia a argumentação tratando das primeiras sociedades humanas nas quais os consumidores eram os produtores dos próprios produtos, portanto, sociedades autossuficientes nas quais realizava-se a troca do excedente com outras comunidades vizinhas. Essa forma produtiva se manteve como que estável em seus fundamentos gerias até o final da Idade Média, ou até o período de transição do feudalismo-capitalismo, aproximadamente entre os séculos XV-XVI. Os produtos adquiridos através da troca consistiam em “objetos de produção artesanal [...] cuja fabricação” os produtores somente não a produziam por si mesmos em razão de não disporem das matérias-primas ou o produto intercambiado fosse de melhor qualidade. “O camponês da Idade Média”, exemplificou Engels, “tinha plena consciência [...] do tempo de trabalho requerido para produzir os objetos que recebia na troca. O ferreiro e o segeiro<sup>47</sup> da aldeia trabalhavam diante de seus olhos; do mesmo modo, o alfaiate e o sapateiro [...]. Tanto o camponês, como as pessoas de quem ele comprava”, concluiu Engels, “eram trabalhadores, e os artigos que trocavam entre si eram os produtos do trabalho de cada um”. Essa condição na qual realizava-se o trabalho e o intercâmbio dos produtos permitia os produtores terem a percepção do “valor” do próprio trabalho empregado, como também, o dos demais com quem estabeleciam a troca dos produtos. “O tempo de trabalho despendido” nesses produtos, portanto, “não era apenas o único padrão de medida adequado para determinar quantitativamente as grandezas a serem trocadas, mas que isso”, asseverou Engels, “não havia outro além dele”.<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup>São Paulo: Boitempo, 2017, p. 211–212.

<sup>46</sup>David McLellan, *As idéias de Engels* (São Paulo: Editora Cultrix, 1979), p. 25.

<sup>47</sup>O fabricante de sege, ou carruagem.

<sup>48</sup>p. 958.

Para Engels, sustentado na teoria econômica marxiana, “durante todo o período da economia natural camponesa” e dos artesãos, “a única troca possível era aquela em que as quantidades trocadas de mercadorias tendiam a medir-se cada vez mais conforme as quantidades de trabalho nelas incorporadas”, no qual o intercâmbio dos produtores era feito por estes nas feiras sem a mediação do comerciante.<sup>49</sup>

\* \* \*

Reside aqui um ponto de polêmica entre marxólogos perante a leitura, ou a interpretação, engelsiana dos textos de Marx sobre as sociedades pré-capitalistas. A despeito de existirem marxólogos, por exemplo, o economista belga Ernest Mandel<sup>50</sup> (1923-1995), que expuseram interpretações confluentes a Engels, outros marxólogos mais contemporâneos, por exemplo, o cientista político e matemático alemão Michael Heinrich,<sup>51</sup> argumentam que Engels, sustentado em “uma observação casual feita por Marx”, realizara uma leitura histórica de *O capital* no que se refere ao problema da transformação dos valores em preços de produção e no tratamento da mercadoria e do dinheiro como categorias oriundas de sociedades pré-capitalistas e não categorias exclusivas do modo capitalista de produção.

Não há dúvida de que o “Apêndice I” consiste em uma interpretação engelsiana da teoria econômica de Marx a respeito da teoria do valor, da determinação dos preços a partir do valor ou do preço de produção, e da forma mercadoria e da forma dinheiro nas sociedades pré-capitalistas e capitalistas. Contudo, podemos argumentar que as teses de Engels a respeito dos temas listados acima não foram produto do desdobramento de uma passagem casual de Marx.

No que se refere a forma mercadoria e dinheiro, Marx tratou explicitamente das existências destas determinações e categorias nos modos pré-capitalistas de produção no capítulo 20 do Livro 3.<sup>52</sup> No que se refere a sucessão histórica da determinação do preço das mercadorias a partir de seus valores aproximados nas sociedades pré-capitalistas e a partir de seus preços de produção nas sociedades capitalistas, Marx discorreu a este respeito em passagens dos capítulos 10 e 45 do Livro 3.<sup>53</sup> No que se refere a mercadoria

---

<sup>49</sup>p. 959.

<sup>50</sup>“Introdução ao marxismo” (*Novos Temas*, v. 12–13, p. 30–54, 2015).

<sup>51</sup>“A edição de Engels do Livro 3 de *O capital* e o manuscrito original de Marx” (*Crítica Marxista*, n. 43, 2016), p. 39–40.

<sup>52</sup>p. 367–381

<sup>53</sup>p. 209–212; 819–821.

e o dinheiro, não há no “Apêndice I” quaisquer indicações de que este considerou estas determinações ou categorias como sendo a-históricas; ademais, tal afirmação contraria outra afirmação imediatamente anterior de Heinrich de que Engels promovera “uma leitura histórica de *O capital*”.<sup>54</sup>

\* \* \*

Conforme Engels, seguindo as pistas deixadas por Marx, durante os períodos históricos nos quais predominou a produção e intercâmbio dos produtos pelos próprios produtores (ou, seja, nos modos pré-capitalistas de produção, “a medida dos preços se aproxima” de seus respectivos “valores”, pois, em um mundo no qual a divisão do trabalho ainda não havia se desenvolvido nas mesmas proporções do que no capitalismo industrial, os produtores “eram capazes de calcular [...] os custos de produção em matérias-primas, materiais auxiliares e tempo de trabalho” dos “artigos de uso cotidiano e geral”. Para os demais produtos que demandavam um largo e irregular período de trabalho, que dificultava o cálculo dos respectivos valores no momento do intercâmbio realizava-se através de aproximações sucessivas, negociações, tentativa e erro.<sup>55</sup>

A emergência histórica do dinheiro metálico significou um momento de inflexão. A partir de então, “a determinação do valor pelo tempo de trabalho deixa de aparecer de forma visível na superfície da troca de mercadorias”, e o dinheiro se estabeleceu como “a medida fundamental do valor”, o equivalente universal, conforme mais se complexificava a divisão social do trabalho e o comércio, reduzido, assim, o controle dos produtores individuais, ou das comunidades de camponeses e artesãos, da produção e reprodução geral da sociedade.<sup>56</sup>

Portanto, a partir das considerações expostas acima, para Engels, “a lei marxiana do valor tem validade geral” [...] para todo o período da produção simples de mercadorias”, e não como lei exclusiva do modo capitalista de produção plenamente desenvolvido.<sup>57</sup>

\* \* \*

---

<sup>54</sup>“A edição de Engels do Livro 3 de *O capital* e o manuscrito original de Marx” (*Crítica Marxista*, n. 43, 2016), p. 40.

<sup>55</sup>p. 959.

<sup>56</sup>p. 960.

<sup>57</sup>p. 960–961.

Até esse momento no “Apêndice I”, Engels encontrava-se afinado com a teoria econômica de Marx exposta no Livro 1 e no capítulo 10 do Livro 3 de *O capital*, como, também, algumas passagens sobre valor e preço de produção presentes no capítulo 45.<sup>58</sup>

Mas, poderíamos questionar: como Engels justificou a especificidade do intercâmbio de mercadorias e a nova determinação dos preços destas a partir da transição entre os modos de produção pré-capitalistas para o modo de produção capitalista; ou mais especificamente, conforme o exemplo utilizado por Engels, a transição do feudalismo-capitalismo na Europa?

\* \* \*

Para tanto, Engels recorreu ao capítulo 20 do Livro 3 de *O capital*, no qual Marx examinou o capital comercial (isto é, o comércio de dinheiro e o comércio de mercadorias) e o papel revolucionário executado pelos comerciantes, ou os mercadores, os sujeitos históricos que retiraram a estabilidade que reinava nas comunidades pré-capitalistas.

Nas páginas seguintes do “Apêndice I” Engels expôs o processo histórico no qual se efetivou essa mudança no elemento determinante da formação dos preços das mercadorias e da taxa média de lucro.<sup>59</sup>

\* \* \*

Inicialmente, os comerciantes, ou mercadores, também organizavam-se, tal como os artesãos, em corporações fechadas a concorrência e a clientela, responsáveis por estabelecerem os preços de compra e venda e o padrão de qualidade padrão das mercadorias. Exemplos históricos dessas corporações mercantis foram os catalães, genoveses, hanseáticos e venezianos, que se constituam como associações monopolistas, ou, nos termos de Engels, em “nações” mercantes. Nessas observa-se, pela primeira vez na Europa moderna a forma mais simples do lucro e a respectiva taxa média.<sup>60</sup>

A seguir, através da concorrência entre essas “nações” mercantes por mercados originou o processo de equalização das diferentes taxas de lucro, ou seja, no sentido inverso da constituição destas, o monopólio. Esse processo histórico foi acelerado pela conquista turca de Constantinopla (1453) e as grandes navegações de finais do século XV.<sup>61</sup>

---

<sup>58</sup>p. 209–212; 819–821.

<sup>59</sup>p. 961–968.

<sup>60</sup>p. 961–963.

<sup>61</sup>p. 963–964.

Essa nova fase histórica tornou as corporações mercantes em organizações obsoletas, sendo substituídas pelos primeiros Estados modernos: Espanha, França, Inglaterra, Países Baixos e Portugal. A partir de então, sob a proteção desses Estados, os comerciantes individuais realizavam seus investimentos comerciais nos territórios recém-conquistados nas Américas, África e Ásia, “convertendo a equalização da taxa de lucro cada vez mais numa questão exclusiva da concorrência” entre os Estados modernos que digladiavam entre si por territórios, matérias-primas, mercados e rotas comerciais.<sup>62</sup>

Durante esse período o capital existia não na esfera da produção, mas na esfera da circulação sob a forma de capital comercial e usurário, pois, os produtores ainda não haviam sido expropriados dos meios de produção (terras e ferramentas, por exemplo).<sup>63</sup>

Nesse contexto, “o capital comercial só podia obter seu lucro [...] dos compradores estrangeiros de produtos nacionais ou dos compradores nacionais de produtos estrangeiros” através do “método” mercantilista de enriquecimento: comprando barato e vendendo mais caro; abocanhando dos detenedores do mais-produto dos modos de produção pré-capitalistas (proprietário de escravos, o senhor feudal e o Estado); pilhagem; pirataria; e todas as demais formas de roubo.<sup>64</sup>

O elemento de nova inflexão deste processo foi a emergência do capital industrial, na qual constitui-se o mais-valor capitalista.<sup>65</sup>

Mas, Engels questionou-se: o que levou os primeiros capitalistas industriais, até então, mercadores, “a levar ao mercado mercadorias produzidas diretamente por” sua conta, concorrendo com as mercadorias dos artesãos de quem antes mediavam a troca no mercado? Ou: “o que podia [...] induzir o comerciante a encarregar-se desse negócio extra de contratador?”. A resposta parecia simples: nada além do motor que mobiliza o capitalista, “obter um lucro maior”.<sup>66</sup>

“Pondo a seu serviço o pequeno-mestre artesão”, explicou Engels, “ele rompia com as barreiras tradicionais opostas à produção, dentro das quais o produtor vendia seu produto acabado e nada mais. O capitalista comercial comprava a força de trabalho, que, naquele momento, ainda possuía seus instrumentos de produção, mas não mais a matéria-

---

<sup>62</sup>p. 964.

<sup>63</sup>p. 964–965.

<sup>64</sup>p. 375–376, 965.

<sup>65</sup>p. 965.

<sup>66</sup>p. 965–966.

prima. Ao assegurar desse modo uma ocupação regular ao tecelão, ele podia, em contrapartida, baixar o salário deste último a ponto de obter gratuitamente uma parte do trabalho efetuado. O contratador convertia-se, assim, em apropriador de mais-valor, além do lucro comercial que já obtivera até então. Porém, precisava empregar capital adicional para comprar fio etc. e pôr essa matéria-prima nas mãos do tecelão, até que este tivesse acabado o tecido, cujo preço total ele anteriormente só tinha de pagar no momento da compra. Ocorre que, em primeiro lugar, na maioria das vezes ele também já lançara mão de capital extra para fazer adiantamentos ao tecelão, que, via de regra, condenava-o à servidão das dívidas e a submeter-se às novas condições de produção”.<sup>67</sup>

Deu-se, então, início o processo histórico de “submissão da indústria ao capital”, consolidado a partir da “introdução da manufatura” e que, através de sucessivas revoluções técnicas na produção, conquistou “o mercado interno para o capital”, liquidou “a pequena produção e a economia natural da família camponesa autossuficiente”, eliminou “o intercâmbio direto entre os pequenos produtores”, pôs “a nação inteira a serviço do capital”, nivelou “as taxas de lucro dos diversos ramos comerciais e industriais numa única taxa geral de lucro” garantindo a supremacia da indústria “nessa equalização” ao remover os “obstáculos que até então se opunham à transferência de capital de um ramo para o outro”.<sup>68</sup>

\* \* \*

Ao longo das páginas correspondentes ao “Apêndice I”, Engels justificou em sua explanação histórica a “transição dos valores em preços de produção”, sintetizando e desdobrando a explanação marxiana disponível ao leitor ao longo dos Livros 1 e 3 de *O capital*; defendeu perante os críticos e os céticos da época a teoria marxiana do valor.

Ao assumir a tarefa de defender Marx de seus muitos críticos e antagonistas (alguns justos e legítimos, como fora, então, Sombart,; outros vulgares, como Loria e Rodbertus) garantiu a manutenção da teoria econômica e social marxiana como dominante nos partidos e demais organizações socialistas de finais do século XIX.

Engels oferece, então, ao leitor, no referido “Apêndice I”, uma síntese, fundamentada nos Livros 1 e 3 de *O capital* sobre a formação histórica do modo de produção capitalista e de suas determinações e categorias fundamentais. Trata-se,

---

<sup>67</sup>p. 966.

<sup>68</sup>p. 967–968.

evidentemente de uma síntese engelsiana de *O capital*, sujeita a toda forma de equívocos ou distorções, que certamente, não escaparam os marxólogos contemporâneos que produziram e publicaram as próprias sínteses dessa obra incompleta de Marx, entre eles, Heinrich,<sup>69</sup> crítico do trabalho de edição de *O capital* por Engels.

Consideramos que Engels no “Apêndice I” manteve-se fiel as premissas e as teses marxianas do Livro I e dos capítulos 10, 20 e 45 do Livro 3 de *O capital*. O trabalho de Engels nesse apêndice consistiu em redigir e complementar, nos próprios termos as teses marxianas consideradas por seus críticos da época (Loria, Schmidt e Sombart) como insatisfatórias ou, simplesmente, incorretas. Engels, com sua reconhecida habilidade historiográfica,<sup>70</sup> complementou toda uma série de teses presentes nos Livros 1 e 3 oferecendo aos leitores exemplos históricos e teóricos, fazendo deste, muito possivelmente, o primeiro marxólogo do qual temos exemplo.

\* \* \*

Não se deve exigir de pioneiros, como é o caso de Marx e Engels no que se refere a crítica da Economia Política, que estes apresentem respostas completas e integralmente satisfatórias a problemas recém-descobertos, e nos quais a investigação ainda realiza seus primeiros passos.<sup>71</sup> Ocorre justamente o contrário, conforme palavras de Sombart:<sup>72</sup> “*criticism should consist of a further development, not a ‘rebuttal’*. *That can be left to someone with political ambition; for the scholar, the question is surely not to ‘refute’ any well-grounded system*”. Dados os desenvolvimentos posteriores dos envolvidos na discussão, essas palavras ganham um outro sentido, até um pouco irônico, do tipo que as ironias do tempo dão ao que é afirmado na juventude. Parece suficientemente justo que tanto as respostas de Engels, e o desenvolvimento da agenda intelectual de Sombart (pelo menos até as primeiras décadas do século XX) deem tal tom a essas palavras, com as quais cessamos por ora.

---

<sup>69</sup>*An Introduction to the Three Volumes of Karl Marx’s Capital* (New York: Monthly Review Press, 2012).

<sup>70</sup>David McLellan, *As idéias de Engels* (São Paulo: Editora Cultrix, 1979), p. 25.

<sup>71</sup>Ernest Mandel, *Late Capitalism* (London: New Left Books, 1975), cap. 4, p. 125.

<sup>72</sup>“*A Contribution to the Critique of Karl Marx’s Economic System*” [*Zur Kritik des ökonomischen Systems von Karl Marx*], in *Responses to Marx’s Capital* (Leiden & Boston: Brill, 2018), p. 201.





## Referências bibliográficas

- ENGELS, Friedrich. Carta a Werner Sombart (Londres, 11 mar. 1895). *Obras Escolhidas: tomo III*. Lisboa: Edições Avante!, 1982. p. 568–570. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1895/03/11.htm>>.
- ENGELS, Friedrich. “Cartas de Friedrich Engels sobre a concepção materialista da história”. *Margem Esquerda*, v. 20, p. 125–141, 2013.
- HARRIS, Abram L. “Sombart and German (National) Socialism”. *The Journal of Political Economy*, v. L, n. 6, p. 805–835, dez. 1942.
- HEINRICH, Michael. “A edição de Engels do Livro 3 de O capital e o manuscrito original de Marx”. *Crítica Marxista*, n. 43, p. 29–43, 2016.
- HEINRICH, Michael. “Prefácio – O Livro II de O capital”. *O capital: crítica da Economia Política: livro II: o processo de circulação do capital*. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 17–22.
- HOBSBAWM, Eric J. “Introdução”. *Formações econômicas pré-capitalistas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 13–64.
- MACHADO, Gustavo. *Marx e a história: das particularidades nacionais à universalidade da revolução socialista*. São Paulo: Sundermann, 2018.
- MANDEL, Ernest. *Late Capitalism*. London: New Left Books, 1975.
- MARX, Karl. *Formações econômicas pré-capitalistas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- MARX, Karl. “III. Capítulo do capital. Segunda seção: o processo de circulação do capital. Formas que predeceram a produção capitalista”. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da Economia Política*. São Paulo: Boitempo, 2011a. p. 388–423.
- MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011b.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da Economia Política: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da Economia Política: livro III: o processo global da produção capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da Economia Política: v. 3, t. 2. O processo global da produção capitalista*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- MCLELLAN, David. *As idéias de Engels*. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.
- MECW 37. *Marx/Engels Collected Works, vol. 37. Marx: Capital, Volume III*. New York: International Publishers, 1998.
- MECW 50. *Marx/Engels Collected Works, vol. 50. Engels: 1892-95, Letters*. New York: International Publishers, 2004.
- MEW 25. *Marx-Engels-Werke, Bd. 25: Das Kapital, III*. Berlin: Dietz Verlag, 1964.
- NOGUEIRA, António de Vasconcelos. “Werner Sombart (1863-1941): apontamento biobibliográfico”. *Análise Social*, v. XXXVIII, n. 169, p. 1125–1151, 2004.

SOMBART, Werner. “A Contribution to the Critique of Karl Marx’s Economic System”.  
*Responses to Marx’s Capital: From Rudolf Hilferding to Isaak Illich Rubin*. Leiden & Boston:  
Brill, 2018. p. 162–211.

VOLLGRAF, Carl-Erich; JUNGnickel, Jürgen; NARON, Stephen. “Marx in Marx’s Words”?  
On Engels’s Edition of the Main Manuscript of Book 3 of ‘Capital’. *International Journal  
of Political Economy*, v. 32, n. 1, p. 35–78, 2002.